

**Teleconferência de Resultado – 4T17**  
**23 de fevereiro de 2018**

**OPERADORA** - Bom dia a todos. Obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 4T2017. Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas quando mais instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência queiram, por favor, solicitar ajuda de um operador digitando \*0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela internet, via webcast, podendo ser acessado no endereço [www.bb.com.br/ri](http://www.bb.com.br/ri) onde se encontra disponível a respectiva apresentação. O replay estará disponível pelo telefone (11) 2188-0400 até o dia 02 de março de 2018, em português e inglês. Para acesso ao replay você deve solicitar à operadora para ouvir a teleconferência do Banco do Brasil e sua identificação será solicitada. A seleção dos slides durante a apresentação será controlada pelos senhores. Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação. Conosco hoje estão os senhores Paulo Rogério Caffarelli, Presidente; Bernardo Rothe, Vice-presidente de Gestão Financeira e de Relações com Investidores; e Daniel Maria, Gerente Geral de Relações com Investidores do Banco do Brasil.

Por favor, senhor Caffarelli, queira prosseguir.

**CAFFARELLI** - Bom dia a todos, é uma satisfação muito grande estar aqui com vocês. Nós consolidamos hoje, nessa discussão com vocês aqui, o resultado de um

trabalho que buscou garantir ao nosso Banco do Brasil a força e o dinamismo necessários para atuar num mercado altamente competitivo e, acima de tudo, disruptivo. O Banco do Brasil precisou, nesse momento, se adequar para ter competitividade e posso dizer aqui com muito orgulho que o Banco do Brasil não se apequenou. Por isso, ao anunciar esse resultado nosso de 2017, com uma ênfase que ele é 54,0% maior do que foi o nosso resultado em 2016, e com relação ao nosso 4T2017, é melhor desempenho ajustado desde 2012, eu não posso fazê-lo sem deixar aqui de reconhecer que foi um trabalho de 100 mil funcionários do Banco do Brasil entre os quais eu tenho o maior orgulho de estar incluído. Passar de uma rentabilidade de 8,8% em 2016 para 12,3% em 2017, exigiu de todos nós, e exige ainda hoje, convicção e muita perseverança. Convicção de que temos tudo o que precisamos para ocupar o nosso espaço no mercado para estar à altura dos anseios dos nossos clientes e garantir retornos crescentes aos nossos acionistas. E perseverança para derrubar todas as dificuldades e fazer desses desafios todos que nós enfrentamos, oportunidades. Lembrem que ano passado tive a oportunidade de estar aqui com vocês e comentei que para nós a premissa básica do Banco do Brasil sempre foi, nesta gestão nossa, de nos juntarmos aos nossos competidores com relação à rentabilidade, e esse resultado é o primeiro passo dentro desse objetivo e mostra que nós estamos no caminho certo. Então essa foi a base do trabalho nosso em 2017 e é a mesma questão vai continuar nos guiando para 2018. E eu afirmo para vocês aqui o que eu falei na imprensa ontem: 2018 será melhor ainda do que foi 2017 e eu não tenho dúvida disso. Acredito e repito que o tamanho do Banco do Brasil tem que ser adequado à sua capacidade de gerar resultado. Só assim, conseguimos cumprir o nosso propósito de cuidar do que é valioso para os nossos clientes, funcionários, nossos acionistas e para toda a sociedade brasileira. Nós fizemos isso em 2017. Por meio do aumento nos desembolsos brutos do crédito, nós desembolsamos 81,0% a mais no crédito PF do que foi em 2016, 31,0% na pessoa jurídica e 11,0% no agronegócio. Nós tivemos uma melhora consecutiva na qualidade das nossas operações, uma coisa que ressalta bem isso, a nossa inadimplência chegou a 3,74% agora no último trimestre de 2017, confirmando a

tendência de melhora que já tínhamos comunicado para vocês nas conferências anteriores. Nós chegamos a bater 4,11% no 2T2016. Tivemos uma redução de 20,0% no fluxo de provisão. Um ponto bastante importante aqui, eu estou pagando uma conta para vocês do ano passado, uma queda de 3,1% nas despesas administrativas. Todo mundo está lembrado que fiquei muito bravo com o guidance que nós divulgamos, o primeiro guidance de despesas do ano passado que era de 0,5-2,5% se eu não me engano. Eu falei que não estava satisfeito com esse resultado, com esse guidance, e nós publicamos o novo guidance e nós estamos entregando aqui o resultado desse novo guidance. Eu já falo aqui qual que era o guidance passado. Ele era, na verdade ele era de... não, esse é o novo. Ele era de 1-4% e, na verdade, depois nós mudamos esse guidance de -2,5-0,5%, então nós estamos entregando um resultado de despesas de redução de 3,1% a menos do que foi 2016, mesmo com a nossa inflação de 2017. O aumento de 9,0% nas receitas de prestações de serviços, bem acima, portanto, do que foi a inflação no período, uma melhora contínua no nosso nível, nosso índice de eficiência, passamos de 39,7%, de 2016, para 38,1% em 2017. Com tudo isso nós, não só estamos preparados hoje para garantir o nosso compromisso de alcançar o nível de 9,5% de capital principal em 2019 de Basileia III, mas ontem nós tivemos a oportunidade de anunciar que estamos criando uma nova meta de mantermos um mínimo de 11,0% de capital principal em 2022. É aqui também com o desafio de mirar 12,0%, mas estamos colocando como meta os 11,0%. Acredito que esse caminho que nós estamos trilhando, acredito muito nisso, o modelo de relacionamento que perseguimos com nossos clientes une modernidade, conveniência e inovação. Nós estamos apostando fortemente na especialização e no encarteiramento de clientes. Iniciamos o ano anunciando a ampliação de mais de quase 1.300 gerentes de relacionamento que estão focados em segmentos como PF, micro e pequenas empresas e agronegócios. Neste 1S vamos inaugurar 85 novos escritórios exclusivos e agências "Estilo". Encerramos o ano com 4,6 milhões de clientes alta renda encarteirados. Destes, 2,4 milhões estão nos modelos digitais. Isso significa mais negócios, já que os clientes atendidos por esse modelo têm maior propensão

a consumir produtos e serviços. O que nós estamos verificando nos dias de hoje, é que todo cliente que muda para os escritórios digitais, nós vemos hoje um aumento de rentabilidade, um aumento incremental na faixa entre 22,0% e 44,0% em termos de resultado desse cliente. Nós vamos abrir também mais cinco escritórios especializados em MPE e 46 agências Empresa alcançando um total de 168 até dezembro. Queremos oferecer aos nossos clientes uma experiência que ela vai além do relacionamento bancário a que estávamos acostumados, que transcende a percepção consolidada até então. Estamos investindo em especialização segmentada, em canais alternativos, com inovação e conveniência. Ontem aqui, concomitantemente à nossa coletiva, nós entregamos para um grupo de clientes selecionados acesso a uma novidade. Nós construímos com o Facebook e com a IBM uma parceria, uma solução que permitirá aos nossos clientes fazer transações bancárias pelo Facebook, de forma totalmente segura e na verdade por um caminho tecnológico que usa a inteligência artificial para inserir a experiência bancária não nos nossos canais tradicionais, mas nos ambientes onde o cliente está acostumado a visitar na conveniência dele. Nossa expectativa é que...eu comentei ontem e vou reforçar pra vocês, conveniência hoje nos bancos é o nome do jogo. Conveniência, ou seja, nosso cliente, não obstante você disponibilizar vários canais de atendimento, ele hoje vai transacionar com seu banco naquele ambiente que ele desejar. Muitas vezes na própria rede social. Com relação à questão macroeconômica, nossa expectativa deste ano é que a economia vai continuar seguindo o processo de retomada, iniciado em 2017 e o PIB deve crescer em torno de 2,8% este ano. O consumo vai ser mais uma vez protagonista nessa retomada, assim como entendo que a agricultura também. Vamos contar também com a contribuição positiva dos investimentos que devem crescer após quatro anos de quedas consecutivas. Acredito ainda que apesar de algumas fontes de incertezas no cenário externo, a ampla liquidez e a baixa aversão ao risco, favorecerão o fluxo de recursos para as economias emergentes. E nós aqui no Brasil, com inflação e política monetária equilibradas certamente vamos nos beneficiar desses recursos. Temos grandes projetos na área de infraestrutura que deverão atrair capital

estrangeiro, 2018 para nós do Banco do Brasil será marcado por investimentos, operações de mercado de capital e melhoria no relacionamento com nossos clientes. Por isso queria aqui reafirmar com vocês, o meu compromisso e de toda a nossa equipe com os pontos que nós que, na verdade, estão nos guiando desde o início da nossa gestão. E eu enfatizo isso e queria aqui para vocês, mais uma vez, trazer esses pontos. Cuidado com as pessoas, buscar maior rentabilidade, ganho de eficiência operacional, gestão de capital e gestão do crédito, qualidade dos serviços, transformação digital e experiência do cliente. Para nós é muito importante, a premissa básica, é que o Banco do Brasil continuará buscando reduzir esse gap que nós temos hoje entre o nosso resultado e o resultado dos grandes competidores nossos, aqui no Brasil, uma contínua busca da redução de despesas, aquilo que eu comentei de adequar o tamanho do Banco do Brasil à sua capacidade de gerar resultados. Então vou dizer mais uma vez também aqui hoje para vocês, eu também continuo não satisfeito com esse guidance de 1-4% com relação às despesas. A gente vai buscar reduzir ainda mais essas despesas. Esse é o nome do jogo. A questão do atendimento, eu reforço como absolutamente importante, num ambiente de produtos comoditizados como é o ambiente bancário, o atendimento é um grande diferencial. E muito mais porque a fidelização hoje está muito mais voltada para esse aspecto da conveniência do que aquela questão de o cliente ficar com você durante muito tempo. Então nós temos que ter produtos, nós temos que ter atendimento, nós temos que ter comunicação, nós temos uma marca fortíssima para isso. Com relação à marca, eu queria também registrar para vocês, que quando nós iniciamos esse trabalho o valor da ação do Banco estava em R\$ 15,49, portanto, o Banco do Brasil valia R\$ 45,0 bilhões e nós fechamos ontem com a valorização que nós tivemos ontem, o Banco do Brasil está valendo neste momento R\$ 118,0 bilhões. Nós já divulgamos o nosso novo guidance, comentei ontem na coletiva que nós estamos felizes, todos aqui, por conta desse primeiro passo. Nós tivemos o que mostrar com relação ao que foi prometido, mas eu posso dizer para vocês o que eu falei ontem, nós não estamos satisfeitos ainda. Na verdade, nós demos o primeiro passo, nós temos muito ainda a avançar pela frente e eu não tenho dúvida que



estamos no caminho certo. Portanto, eu queria aqui mais uma vez agradecê-los, nós estamos aqui todo o time presente aqui, inclusive o Márvio, nosso diretor de Controladoria, o Léo Loyola, o nosso diretor de Finanças, para esclarecer qualquer dúvida que vocês tenham com relação aos nossos números ou mesmo com relação à nossa estratégia. Muito obrigado para vocês, tenham um excelente dia. Obrigada por estarem conosco.

Vou passar agora a palavra para o Daniel, nosso Gerente Geral de Relações com Investidores.

**DANIEL** - Bom dia a todos. Obrigado por participarem da nossa teleconferência para apresentação dos resultados do 4T2017. Gostaria de começar a apresentação no slide 4. No canto inferior direito nós temos os pilares que o nosso presidente acabou de repetir, acabou de mencionar, e do lado esquerdo nós trazemos alguns destaques dos resultados. O lucro líquido ajustado cresceu 54,2% em relação a 2016 e foi influenciado pelo crescimento de 9,0% das receitas com tarifas, pelo rígido controle de custos, que nos permitiu uma redução de 3,1% nas despesas administrativas, e pela melhoria na qualidade do crédito que resultou na redução de 25,5% das despesas de PCLD. Com isso, o índice de eficiência do BB atingiu 38,1%, o melhor nível da história do Banco do Brasil. Já o capital principal subiu para 10,5% sendo o maior nível já atingido pelo Banco desde a implantação das regras de Basileia III.

No slide 5 trazemos maior detalhamento do lucro. O lucro ajustado de 2017 foi de R\$ 11,0 bilhões e representou um crescimento de 54,2% em relação ao lucro de 2016. Destaco que comparando o 4T2016 com o 4T2017 o crescimento foi de 82,5%. Com isso o retorno ao acionista foi de 13,6%. E adotando-se a métrica utilizada pela maior parte dos analistas do mercado, o retorno ficou em 12,3%.

No slide 6, nós demonstramos a construção do lucro no período. No gráfico na parte inferior demonstramos que em 2017 a margem financeira bruta atingiu R\$ 57,9 bilhões. A margem financeira líquida que vem após a dedução de R\$ 25,3 bilhões

de PCLD alcançou R\$ 32,6 bilhões, e o maior valor dos últimos anos. A receita com tarifas atingiu quase R\$ 26,0 bilhões e superou as despesas de PCLD, o que não vinha acontecendo desde 2015. As despesas administrativas ficaram em R\$ 31,8 bilhões. No final, chegamos a um lucro líquido ajustado de R\$ 11,0 bilhões.

No slide 7 mostramos o comportamento de alguns indicadores de mercado e adicionamos 2018 e 2019, as estimativas médias que os analistas que seguem o Banco do Brasil, projetam. O lucro ajustado por ação cresceu de R\$ 2,57 em 2016 para R\$ 3,97 em 2017. O dividend yield do 4T2017 foi de 3,64%. O índice preço/lucro atingiu 8,05 e a relação preço/valor patrimonial foi de 0,9 no 4T.

No slide 8 trazemos as captações comerciais que cresceram 1,3% no trimestre, atingindo R\$ 579,6 bilhões. Destacamos os depósitos de poupança que tiveram crescimento de 5,6% sobre dezembro de 2016. Gostaria também de destacar a carteira de crédito líquida ajustada por captações. Esse indicador ficou estável em 87,1% e mostra que a carteira de crédito é suportada principalmente pelas captações comerciais.

No slide 9 trazemos a carteira de crédito ampliada em comparação com os trimestres anteriores. No último trimestre, a carteira de crédito teve um ligeiro crescimento de 0,6% atingindo R\$ 681,0 bilhões. Na comparação anual tivemos um decréscimo de 3,8%. Importante ressaltar a alteração no mix da carteira, com o aumento da participação do agronegócio que saiu de 25,4%, em dezembro de 2016, para 26,7%; a carteira PF assumiu maior participação relativa à carteira total, chegando a 27,5%. Já a participação da carteira PJ vem se reduzindo e passou de 41,6% em dezembro 2016 para 39,3% em dezembro de 2017.

No slide 10 apresentamos a evolução dos desembolsos brutos comparados com o 1T2016, que é base 100 nessa comparação. Esses gráficos evidenciam o comportamento da originação de crédito do Banco do Brasil. Observa-se que o desembolso de crédito cresceu nos últimos períodos. O destaque é a carteira PF, que na comparação anual teve um desembolso 81,0% maior que em 2016. A carteira

agro apresentou um crescimento de 11,0%. No caso a carteira PJ, o crescimento de 31,0% nos desembolsos em relação a 2016 não foi suficiente para compensar as amortizações e as perdas observadas no período que explicam o menor saldo da carteira apesar do maior desembolso.

Na página 11, nós mostramos a carteira de crédito PF segue com maior peso em linhas com retorno ajustado ao risco mais adequados. As quatro linhas que nós demonstramos no slide representam 76,4% da carteira PF orgânica. Destaque é o consignado que teve um crescimento de 7,4% em relação a 2017 com a participação de mercado de 21,7%. Em 2017 o Banco originou R\$ 38,9 bilhões nessa linha, maior nível de desembolsos desde 2014. O saldo de financiamento imobiliário ficou praticamente estável no ano e tendo uma participação no mercado de PF de 7,9%. A carteira de CDC Salário e veículos apresentou uma queda em comparação a dezembro de 2016. Na carteira PJ ampliada mostramos um decréscimo de 9,3% em 12 meses, atingindo R\$ 267,4 bilhões. Boa parte dessa queda vem da carteira de MPE com redução de 31,5% no ano, enquanto a carteira de médias e grandes empresas e governos teve um decréscimo de 2,5%.

No slide 13 temos o agronegócio. A carteira agro cresceu 1,2% na comparação anual. Principalmente em função do crescimento do crédito rural de 6,1% em doze meses, que mais do que compensou a queda do agro industrial. Os desembolsos no 1S no plano safra para o período de 2017/2018, totalizaram R\$ 41,4 bilhões. O crescimento de 12,5% comparado ao realizado na safra anterior. Para a safra 2018/2019, já foi disponibilizado pelo Banco R\$ 12,5 bilhões em pré-custeio, que é 15,7% a mais do que foi desembolsado na safra anterior.

No slide 14, trazemos a qualidade carteira. Comportamento do índice de inadimplência acima de 90 dias vem demonstrando uma tendência de queda nos últimos períodos. O pico da inadimplência ocorreu no 2T2017 e após reduções consecutivas terminamos o ano com indicador de 3,74%, o que inclui o caso específico da carteira PJ. Descontando-se esse caso específico, nossa inadimplência ficaria em 3,32%. Uma observação é que esse caso específico já



vinha sendo mostrado nos períodos anteriores.

No slide 15, temos a quebra da inadimplência por segmento. A carteira PJ tem demonstrado melhoras consistentes fechando dezembro com uma inadimplência acima de 90 dias de 6,27%. A PF teve redução de 13 bps na comparação com setembro, ficando em 3,36%. O agronegócio ficou em 1,67%. Carteira agro foi impactada por uma combinação de movimentos que ocorreram em algumas culturas, que implicaram menor margem para os produtores, em especial, no caso da pecuária.

No slide 16 temos as provisões e coberturas. Ao final de dezembro de 2017 a cobertura aumentou e alcançou 154,9%, com saldo total de provisões de R\$ 36,7 bilhões. Na parte baixa da página, temos as despesas de provisão no trimestre que ficaram R\$ 5,6 bilhões. Esse foi o menor valor para um trimestre desde o 2T2015, reflexo da originação de crédito com melhor qualidade.

No slide 17 apresentamos o risco médio do BB em comparação ao sistema. Atingimos 5,8% no final de dezembro. 91,5% das nossas operações estão no intervalo de risco de AA-C.

No slide 18 trazemos a formação da inadimplência. O valor nominal atingiu 5,6% bilhões e o indicador sobre a carteira atingiu 0,9, mostrando patamares inferiores na formação da inadimplência em relação aos semestres anteriores. Tirando um caso específico no 3T2017 que foi excepcional, como já havia sido mencionado.

No slide 19 vemos a formação da inadimplência por segmento. Tivemos na PF uma formação nominal de R\$ 1,5 bilhão, sendo inferior aos últimos trimestres. No agro foi de R\$ 0,9 bilhão, e na PJ R\$ 3,13 bilhões abaixo do que vínhamos reportando nos últimos semestres. Isso mostra uma tendência de médio prazo de melhora na carteira.

No slide 20, temos os créditos renegociados por atraso. As contratações no período atingiram R\$ 3,1 bilhões e, portanto, destacaram o recebimento da carteira

que atingiu o maior volume da história com R\$ 1,5 bilhão. É importante ressaltar que nesse valor não estão incluídas as capitalizações de juros ocorridas no período. O outro destaque é o atraso acima de 90 dias da carteira, que apresentou a terceira queda consecutiva com a cobertura atingindo 49,2%. Na parte baixa do slide temos a formação da inadimplência, que atingiu 6,1% do indicador e R\$ 1,76 bilhões, no valor nominal.

No slide 21 a margem financeira bruta sem a recuperação de créditos atingiu R\$ 52,7 bilhões, uma queda de 3,8% sobre 2016. Com referência à carteira média no período caiu 7,5% e demonstra o efeito de otimização da margem feitos nos últimos períodos.

No slide 22 trazemos o spread global, que subiu nesse semestre atingindo 4,83% no final de dezembro. Este aumento se deve à redução dos ativos de liquidez com o aumento da participação das operações de crédito na formação dos ativos rentáveis, e também ao maior nível de recuperação de crédito. Além disso, a boa performance das despesas financeiras trouxe impactos positivos ao período. O comportamento do spread global está diretamente relacionado à retomada do crescimento da carteira, à redução da inadimplência acima de 60 dias, e aos movimentos de melhoria do mix, movimentos que acreditamos que beneficiarão a margem financeira gradualmente, em especial a partir do 2S2018 e mais intensamente em 2019. No spread por carteira a PF mostrou estabilidade com 16,29% em relação aos 16,32% no trimestre anterior. No agro, o spread aumentou para 4,79%; e PJ, uma redução para 4,96%, impactado principalmente pela redução da exposição aos segmentos de MPE que possuem melhores retornos.

No slide 23 mostramos as rendas de tarifas. Destaque para o crescimento de 11,7% no aumento de tarifas de contas correntes. Isso é fruto do encarteiramento de clientes no modelo de atendimento gerenciado e que permite também maior cross selling. A administração de fundos apresentou um crescimento de 26,5%. Outros destaques, também, o aumento das tarifas com operações de crédito em garantia em 12,5%, e o caso da linha de consórcios que teve um crescimento de 33,3% nos

últimos 12 meses.

No slide 24 trazemos as despesas administrativas e o índice de eficiência. Como havia mencionado anteriormente, houve a melhoria de nosso índice de eficiência, que caiu de 39,7% para 38,1% e atingiu o melhor valor na história do Banco. A reorganização institucional que começou a ocorrer no final de 2016 e prosseguiu por 2017, trouxe impactos positivos nas despesas. Encerramos 2017 com 99.161 funcionários, um total de 4.770 agências e 2.033 postos de atendimento bancário.

No slide 25 apresentamos a evolução do índice de Basileia nos últimos trimestres. No final de 2017, o BB apresentou capitalização total de 19,6%, um indicador historicamente elevado. Capital principal ficou em 10,48%, sendo este o maior nível atingido pelo Banco desde a implantação das regras de Basileia III no Brasil. Esse nível de capitalização demonstra a efetividade das ações do Banco para entregar a meta assumida com o mercado para janeiro de 2019, via índice mínimo de capital de 9,5%. Como o presidente comentou, a gente está trazendo uma nova meta, de no mínimo 11,0% de capital principal para janeiro de 2022. Essa meta consta dos documentos corporativos do plano de capital e da declaração de tolerância e apetite ao risco do Banco.

No slide 26 trazemos um exercício da aplicação integração de Basileia III. Aqui, simula-se como ficaria a capitalização com a antecipação de impactos no capital derivados da implementação da regra de Basileia III que ocorrerão no futuro. Chega-se a um índice proforma de 19,32% de capitalização total contra 19,64% observado em dezembro. Passando para o capital principal, o índice ficaria em 10,17% contra 10,48%. Esse índice mostra, reforça, como estamos confortáveis em atingir a meta para 2019.

Na página 27 nós comentamos o guidance que foi colocado para 2017 e qual foi o nosso cumprimento desse guidance. Cumprimos todos eles, com a observação para despesas de PCLD e despesas administrativas que superamos.

No slide 28 trazemos o guidance para 2018. Lucro líquido ajustado para o ano no intervalo de R\$ 11,5-R\$ 14,0 bilhões. Margem financeira bruta sem recuperação de operações e perdas -5-0%. Carteira de crédito ampliada orgânica interna com crescimento de 1-4%, sendo PF crescendo de 4-7%, e o agronegócio (crédito rural) de 4-7%. E pessoas jurídicas no intervalo de -3-0%. Despesas de PCLD líquida de recuperação num intervalo de R\$ 16,0-R\$ 19,0 bilhões. Rendas de tarifas crescendo de 4-7%, acima da inflação. E despesas administrativas crescendo de 1-4%, abaixo da inflação.

Com isso, podemos passar para as perguntas e respostas. Muito obrigado.

**OPERADORA** – Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem \*1. Solicitamos aos participantes que façam apenas um questionamento em cada rodada de perguntas.

O senhor Tiago Batista, do Itaú BBA, gostaria de fazer uma pergunta.

**BATISTA** – Oi, bom dia a todos. Parabéns pelo resultado forte do 4T. Tenho aqui duas perguntas, a primeira em relação a recuperação de crédito. Teve um crescimento forte de liquidação de crédito nesse 4T, se não estou errado foi de R\$ 1,7 bi. Vocês têm alguma explicação dessa recuperação e dá pra imaginar que a liquidação como um todo vai melhorar ao longo de 2018, quando compara com 17, ano cheio? E a segunda pergunta em relação ao guidance. Eu achei o guidance de lucro ficou até um pouco acima do que todo mundo estava esperando, mas a parte de carteira em si eu acho que ficou um pouquinho abaixo pelo menos do eu imaginava, que foi de 1-4. Achei um pouquinho mais estável do que eu estava imaginando, mesmo se olhar a carteira de PF, um pouco mais, está crescendo ainda abaixo do PIB nominal. Vocês podem, dá para falar se é um pouco conservador em questão de carteira ou se tem alguma ou vocês podem falar um pouquinho mais sobre a composição desse guidance que vocês deram em termos de carteira. Obrigado.

**ROTHER** - Obrigado, Thiago, pela pergunta. Sobre recuperação de crédito, se vocês recordarem o que a gente comentou no último trimestre quando houve uma redução na recuperação no 3T, a gente sempre falou que o 4T era o trimestre mais forte. E na verdade, é um movimento que acontece trimestre a trimestre. O 1T é mais fraco, o 2T é mais forte na recuperação, o terceiro cai, e o quarto volta a subir. A nossa tendência é de aumento contínuo nessa recuperação com essas variações trimestre a trimestre. Então, a expectativa para o 1T deste ano é que tenha uma recuperação um pouco menor que do 4T do ano passado, mas ao longo do ano este número tende a crescer. Até por que o volume de operações recuperáveis que foram jogadas a perdas, aumentaram bastante nos últimos anos então o estoque de operações para serem trabalhadas continuam bastante altas. Então a gente deve ter um movimento ainda de aumento na visão anual com essas variações por trimestre, dado sazonalidades nas recuperações do Banco. De novo, o 4T, todo ano é o mais forte do ano. Então, esse era um movimento natural que eu já tinha indicado que deveria acontecer quando a gente divulgou o 3T. Com relação ao guidance, o guidance nosso de crédito, ele está bastante alinhado na mudança do mix da carteira. Tenho que lembrar para vocês que eu tenho uma carteira de duration longo e algumas operações que, na verdade, elas carregam uma rentabilidade muito baixa. E a gente não tem intenção de crescer muito essas carteiras de rentabilidade baixa. Então eu não vou crescer em todas as carteiras na proporção que o mercado pode crescer. Isso é verdade, tanto na PJ quanto na PF. E dado o nosso foco em crescer com as linhas de menor risco/retorno, e não crescer nas linhas que têm uma relação de risco/retorno que não está dentro dos padrões que a gente considera os melhores pro Banco hoje, é natural que a carteira como um todo no final não cresça tanto, mas isso não quer dizer que não tenha um impacto positivo em termos de rentabilidade da carteira. Então nós vamos crescer aonde interessa o Banco crescer, mas não vamos deixar de atender nenhuma necessidade de clientes, mas vamos administrar essa necessidade e focar nossos esforços, de novo, nas linhas que têm melhor relação risco/retorno. OK?



**BATISTA** - OK. Perfeito, Bernardo.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Senhor Eduardo Rosman, do BTG Pactual.

**ROSMAN** – Oi, bom dia a todos. A minha pergunta é sobre o retorno do Banco nos próximos anos, acho que como bem o presidente Caffarelli comentou, né, o ROE do Banco melhorou bem, né, de 8,0% em 2016 para 12,0% em 2017, melhora bem forte, mas quando a gente olha o guidance de lucro para 2018, quando a gente pega o ponto médio e faz uma conta, a gente ainda chega num ROE ali abaixo dos 13,0%. Sei que o Banco tem feito um trabalho excepcional, mas acho que a barra subiu também, né. Se o valor de mercado do Banco continuar subindo, acho que o retorno precisa subir. Entendo que 2018 ainda é um ano difícil por conta da margem financeira pressionada, mas eu queria entender de vocês o que, é mais qualitativo, o que dá para esperar pros anos seguintes. Acho que, quando é que vocês acham que dá para voltar a ter um retorno aí acima dos 15,0%? E pergunto isso também, porque como vocês têm esse objetivo agora de manter o capital principal acima dos 11,0%, que eu, particularmente, achava que é muito boa, né, isso também deve exigir do Banco a manutenção do payout mais baixo, na casa dos 25,0%, 30,0% que acaba pressionando o ROE também. Então se vocês pudessem dar um pouco como é que vocês estão enxergando aí a velocidade dessa recuperação. Se tem algum *goal* de médio prazo de retorno, enfim, seria bastante útil para gente. Obrigado.

**ROTHER** - Obrigado, Rosman. O nosso *goal*, acho que o presidente já comentou, a gente quer chegar perto, no médio prazo, ficar bem próximo dos nossos pares de mercado. Sem dúvida esse esforço que a gente vai construindo para aumentar o retorno do Banco, ele é um pouco diluído pelo esforço de aumento de capital ao mesmo tempo. Mas dado aonde a gente está hoje em termos de capital até com a adoção integral das regras de Basileia, assim, o tempo que a gente vai levar para chegar no capital vai ser mais rápido que o tempo que nós vamos levar pra chegar na rentabilidade semelhante à dos pares. Chegando nos nossos patamares a gente

vai começar a discutir como usar o excesso de capital que nós temos. E esse excesso de capital pode ser usado de diversas formas. Uma delas é aumentar o payout, recomprar ação e por aí afora. Então tem várias alternativas e a gente vai tentar utilizar esse excesso de capital de uma forma que gere mais retorno para os acionistas também. Então isso ajuda depois, no momento seguinte, a ter uma aceleração nesse aumento do retorno sobre o PL, é o que a gente espera que aconteça também dado a administração da formação do nosso capital, que está na nossa agenda todo dia e vai continuar na agenda por um bom tempo. Então isso vai nos ajudar, mas sem dúvida nenhuma a gente tem ainda um caminho grande a percorrer e eficiência, aumento da melhoria da experiência do cliente, a capacidade de fazer mais negócios com os clientes que nós já temos, a nossa capacidade de gerar novos clientes via o digital, é um número até que a gente não comentou aqui, mas, pra vocês terem uma ideia, a gente tem um 1,6 milhão de clientes nativos digitais hoje no Banco do Brasil via as contas digitais que a gente tem, principalmente a Conta Fácil. Então é um número expressivo, é um cliente de baixíssimo custo de aquisição, baixíssimo custo de manutenção e com bom retorno pro Banco e que muda um pouco essa visão de quanto que é o retorno sobre o capital investido junto a esse tipo de cliente, que era zero há um pouquinho mais de um ano atrás e hoje já são 1,6 milhão de clientes. Então tem várias ações que a gente tá fazendo, todas elas visando melhorar o retorno do Banco, e que vai demorar um pouco por conta do efeito do crescimento do capital ao mesmo tempo que a gente aumenta o lucro do Banco, mas a hora que a gente chegar no patamar de capital que a gente acha adequado, que pode ser até antes de 2022, a gente começa a botar para trabalhar o excesso de capital e ajudando com isso a melhorar o retorno numa forma, numa velocidade um pouco maior que a gente vai ter nos próximos dois anos pelo menos.

**ROSMAN** - Perfeito, só um follow-up nessa questão de capital, você fez alguns comentários interessantes que o Banco obviamente está caminhando para uma situação de capital mais confortável, até, enfim, antes até do que o previsto inicialmente. Uma das razões para o Banco não ter, vamos dizer, ter uma dificuldade

maior de diminuir o gap de rentabilidade pros bancos, pros melhores bancos privados, vamos dizer assim, é o fato do Banco não ter 100,0%, ou ter uma participação, vamos dizer, relativamente menor aí em negócios considerados core, como seguro de cartões, né. Então acho que não faria sentido, enfim, aumentar a participação nesses negócios, eventualmente, vender ativos que não são core e trocar por ativos core? Isso poderia também estar na estratégia ou não?

**ROTHER** – Rosman, esse é um caso que a gente vai discutir quando a gente estiver na situação de ter excesso de capital. De novo, existem várias alternativas, a gente pesará todas as alternativas que a gente tem e escolherá aquela que fará mais sentido em termos de retorno para o acionista.

**ROSMAN** – Tá ótimo, Bernardo. Muito obrigado.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do senhor Rafael Frade, do Bradesco.

**FRADE** – Bom dia a todos. Tenho duas perguntas. Uma, eu gostaria de só entender um pouco melhor com relação à inadimplência na PF. No slide 15 vocês mostram uma melhora na inadimplência, mas no slide 11, onde vocês destacam algumas linhas, a gente vê uma piora em praticamente todas as linhas ali que vocês apresentam. Obviamente não tem todas as linhas ali. Eu queria entender só, talvez, um pouco mais, por linha, como é que vocês estão vendo essa piora de inadimplência e, enfim, como vocês enxergam essa tendência. A segunda pergunta é com relação aos spreads PJ, agora, principalmente, olhando o histórico no slide 22, a gente vê que teve aquela queda bem significativa no 2T, que foi explicada de certa forma pelo mix da carteira, perdendo um pouco mais em PME, por uma redução de CDI dado a parte dos spreads estarem atrelados ao CDI, mas tudo isso continua verdade e desde o 2T se manteve bastante constante o spread na PJ. Então só explorar um pouco mais o que é que, como é que evoluiu ao longo do ano, quais as razões por trás daquela queda no 2T e dessa manutenção depois disso. Se puder explorar. Obrigado.

**ROTHER** – Obrigado, Frade, pelas perguntas. A tendência da INAD PF tem vários fatores, por exemplo, se você olhar a inadimplência do cartão de crédito, atingiu um nível menor na história do Banco nesse 4T. Ou seja, a carteira PF do Banco continua bastante saudável. A gente teve em linhas que tem um prazo até mais longo, elas demoram mais em refletir, inclusive a qualidade das novas safras que a gente tem. Se você olhar no Análise do Desempenho, onde se tem a safra de 2017 da PF, você pode ver que ela está entre, não, ela é a melhor da nossa história para PF. Isso é verdade também pra carteira PJ MPE, vocês tem isso na análise de desempenho, tem os dois gráficos, é o tradicional, vocês já conhecem, não é nenhuma novidade. Então assim, a tendência da PF é realmente melhorar no tempo. E o crescimento do desembolso nessas linhas vão ajudar também pro índice de inadimplência melhorar no tempo. A inadimplência em 15 dias tá melhorando no geral e a gente acredita também que todas essas linhas que a gente mostra vão melhorar no geral. A carteira de automóvel, como você pode ver, o aumento de inadimplência na carteira de automóvel não é nada dada a queda na carteira, isso é até, assim, a formação da inadimplência continua caindo, é só mais um efeito base, principalmente, na carteira de CDC Salário e automóvel, tem um efeito base muito forte aí. A carteira de imobiliário, as novas safras como eu falei elas estão bastante melhores, mas elas demoram um pouco mais a refletir isso no índice de inadimplência. E o consignado é a mesma coisa. Mudando para o spread PJ, o que a gente teve de mais impactante no 2T foi a quantidade de operações em recuperação judicial e as operações que entraram na INAD60 e deixaram de accruar juros. Então os movimentos posteriores eles conseguiram ser absorvidos pela mudança do perfil da carteira. Então, assim, o mix está ajudando a manter esse spread na PJ em um patamar melhor. Lembrando que até nas grandes empresas, as novas operações estão saindo com o spread bastante superiores ao que eu tinha no estoque. Então a grande diferença do 2T para os demais foi o impacto concentrado que a gente teve naquele trimestre da INAD60, são as operações que deixaram de accruar juros, algumas de grande porte, que fica bem claro até no índice de inadimplência quando você olhar. Por deixar de accruar juros acabou impactando

bastante no 2T, sem que esse impacto continuasse ao longo dos trimestres seguintes. Ok?

**FRADE** - Perfeito, Bernardo. Obrigado.

**OPERADORA** – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Jorg Friedemann do Citibank.

**FRIEDEMANN** – Muito obrigado, tenho duas perguntas, Bernardo. Queria aproveitar o gancho dessa sua última resposta para falar um pouco sobre a INAD60. A INAD60 está agora em torno de 4,2%. No passado ela foi cerca de 2,2%, acho que o melhor nível que eu vejo aqui foi atingido no final do ano de 2014, se bem que ele chegou a flertar com níveis ainda menores do que isso no intra-ano, e eu queria entender se nessa nova realidade que vocês estão projetando o Banco, vocês conseguem vislumbrar a estabilidade dessa INAD60 naquele patamar, ou onde que seria e em que tempo que vocês acreditam que vocês estão trabalhando internamente para alcançar essa estabilização. Daí eu venho com a minha segunda pergunta, relacionada à carteira de PME. Obrigado.

**ROTHER** – Ok. A INAD60, como você diz, ela está em 4,2. Está na tabela 57 do nosso MD&A, na página 55, se olhar na própria série que a gente tem ali, o número mais alto da INAD60 foi no 1T, com 4,76. Então ela vem se reduzindo gradualmente todo trimestre, e a expectativa nossa é que ela continue melhorando trimestre a trimestre, reduzindo gradualmente. Quanto tempo nós vamos levar para chegar ao mesmo nível de INAD60 de 2,2 que você mencionou? Olha, não dá para afirmar tempos, de dar um prazo, mas o que você pode esperar é que dada a alteração de mix, onde a gente espera que a MPE ganhe participação na carteira, onde a gente está focando a melhor relação risco/retorno, isso não quer dizer que, com tudo normal, nós teremos uma inadimplência, mesmo a INAD60, no longo prazo, nos mesmos índices que a gente já teve nos melhores momentos de inadimplência do Banco. A tendência natural é que essa inadimplência fique um pouco maior, mas isso é compensado, bastante compensado pela maior rentabilidade da carteira de



crédito dado o mix mais favorável. Então, de novo, chegar em 2,2 que, segundo você, foi o menor nível que você achou, eu teria que olhar os números históricos. Eu não tenho isso de cabeça para checar se teve algo melhor, mas eu posso te dizer que a perspectiva de melhorar continuamente, dado inclusive, as performances das novas safras de crédito estão bastante boas e muito melhores do que todas do passado, mas ela não deve voltar aos mesmos patamares, ceteris paribus, tudo o mais constante, a gente não volta ao mesmo padrão por conta da alteração do mix e a concentração em MPE, OK?

**FRIEDEMANN** – Perfeito. Está ótimo. Super entendido. E agora, exatamente, aproveitando essa sua resposta sobre a carteira de PME, ela caiu 31,5% no ano passado e você tem um guidance na PJ de 0 a -3,0% de crescimento nesse ano. Eu sei que o foco está em PME, mas eu queria entender quais são os gargalos que ainda faltam para você conseguir ver crescimento nessa carteira e qual que é o objetivo do Banco no longo prazo, de quanto essa carteira tende a representar da carteira total do Banco. Obrigado.

**ROTHER** – Jorg, sobre a carteira de MPE, primeiro, o guidance é para toda a carteira de PJ. Então a gente tem movimentos diferentes ao longo do ano. De qualquer forma, a MPE, como já tinha comentado com vocês na outra teleconferência, a gente vê o ponto de inflexão dela no final desse trimestre, ou seja, ela ainda cai nesse trimestre, e deve começar a crescer, pode mostrar algum crescimento no 2T. Por que é que ainda cai, apesar dos desembolsos no segmento estarem crescendo bastante? Por conta do mix que a gente tinha no passado e a gente está mudando aos poucos, ao longo do tempo. Focando em linhas de maior retorno e focando na maior participação da carteira, a gente tem feito alterações de mais curto prazo, mas ainda tem muita operação de duration longo na carteira e que vai levar um tempo para sair e para tirar esse efeito, esse carregamento negativo sobre crescimento ao longo do tempo. De qualquer forma, a MPE ao final do ano deverá apresentar crescimento. Mas esse crescimento não vai voltar aos padrões que a gente tinha antes até por conta do nosso objetivo de trabalhar uma duration

menor, então eu vou rodar mais carteira, eu vou fazer mais negócios e isso vai ter impacto menor em saldo do que tinha no passado, tá. Esse é um ponto. Outro ponto é que o processo de alavancagem de migração para o mercado de capitais continua, principalmente nas grandes empresas. Então, elas fazem uma pressão de baixa na carteira de PJ. Um grande exemplo disso é a carteira agroindustrial, que ela é uma PJ de grande porte, empresas que tem grande acesso ao mercado e que já geraram um crescimento bastante grande de CRA's no mercado nos últimos tempos. Ano passado, o volume de CRA's realizado no mercado foi bastante alto. O que é isso? É migração de crédito do agroindustrial do Banco do Brasil e do mercado em geral para o mercado de capitais. Esse processo deve continuar. O que nós vamos fazer? Vamos participar desse processo transformando o uso do balanço em fee-based business. Então, quando você pode ver crescimento da carteira PJ? Provavelmente ano que vem a gente já deve ter um guidance positivo porque esse processo vai continuar, mas a intensidade no ano que vem deve diminuir. E o crescimento contínuo na carteira de MPE ano que vem tende a compensar eventuais ajustes que ainda possa acontecer na carteira de grandes empresas, OK?

**FRIEDEMANN** – Está ótimo. Muito obrigado.

**OPERADORA** – Lembrando que para fazer perguntas, basta digitar \*1.

Nossa próxima pergunta vem do senhor Carlos Gomez, do HSBC.

**GOMEZ** – Sim, bom dia. Eu gostaria de perguntar sobre as provisões para planos econômicos que ainda foram quase R\$ 300,0 milhões no trimestre. O Banco espera continuar fazendo essas provisões no ano 2018 ou seriam ainda extraordinários? Obrigado.

**ROTHER** – Carlos, obrigado pela pergunta. O plano econômico, vocês devem estar acompanhando pelos jornais, ele está no processo de homologação do acordo que foi feito entre a Febraban e os representantes dos consumidores. Então, como não há ainda homologação, o processo continua. Então, o primeiro trimestre ainda pode ter, dependendo de como for homologada, esse acordo, ou se for homologado,

ainda falta a discussão do plenário do STF, pode ter impacto positivo ou não no fluxo de provisões. Então, não dá para te afirmar como vai ser considerado, mas a gente vai manter, que é o nosso padrão, é o que a gente tem feito por vários anos, considerar os planos econômicos como um evento não recorrente, até porque ele tende a um dia acabar, porque ele não vai continuar para o resto da história do Banco. Então, a gente vai considerar ele fora do ajustado, mas a previsão de como vai se comportar ao longo do ano depende ainda do posicionamento do STF sobre o acordo que foi efetuado com os órgãos de defesa dos consumidores. OK?

**GOMES** – Obrigado. Poderia nos lembrar quanto é o saldo neste momento de provisões para planos econômicos, ou não é divulgado?

**ROTHER** – Carlos, depois eu te passo esse número porque eu não tenho aqui comigo, porque a gente normalmente divulga no formulário de referência. E nosso formulário de referência ainda não foi divulgado, tá? A gente não tem esse número quebrado dentro da demonstração financeira em BRGAAP, mas a gente está preparando para o formulário de referência que a gente deve divulgar no próximo mês, mas eu posso checar e eu te passo isso. O pessoal da RI depois entra em contato com você, OK?

**GOMES** – Muito obrigado. Excelente. Obrigado.

**OPERADORA** – Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao senhor Daniel Alves Maria para as considerações finais. Por favor, senhor Daniel Maria, queira prosseguir.

**DANIEL MARIA** – Agradecemos a presença de todos e ficamos à disposição para qualquer questão adicional, o time aqui de RI. Obrigado. Bom dia.

**OPERADORA** – A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no portal de RI na internet. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.